



---

# o *Brasil* e o Capitalismo Histórico

Passado e Presente na Análise dos Sistemas-Mundo

*Organizadores*

PEDRO ANTONIO VIEIRA

ROSÂNGELA DE LIMA VIEIRA

FELIPE AMIN FILOMENO

**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editores*

© Pedro Antonio Vieira; Rosângela de Lima Vieira; Felipe Amin Filomeno

### **Conselho Editorial**

Immanuel Wallerstein, Fernando Novais, Hoyêdo Lins, e Francisco Luiz Corsi

### **Projeto gráfico, diagramação e capa**

Rita Motta - [www.editoratribo.blogspot.com](http://www.editoratribo.blogspot.com)

### **Revisão**

Sérgio Meira

### **Impressão**

Gráfica e Editora Copiart Ltda

1ª Edição - 2012 - São Paulo – SP

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

B83

O Brasil e o capitalismo histórico : passado e presente na análise dos sistemas-mundo /  
organização Pedro Antonio Vieira, Rosângela de Lima Vieira, Felipe Amin  
Filomeno.- São Paulo, SP : Cultura Acadêmica Editora, 2012.  
327 p.

ISBN 978-85-7983-386-1

1. Capitalismo - Brasil - História. 2. Capital (Economia). I. Vieira, Pedro  
Antonio. II. Vieira, Rosângela de Lima. III. Filomeno, Felipe Amin. IV. Série.

13-1521.

CDD: 330.1220981

CDU: 330.142.23(81)

---

043362



## O fim do longo século XX

BEVERLY SILVER

GIOVANNI ARRIGHI<sup>58</sup>

Escrevendo há quase vinte anos – logo após o colapso da União Soviética – o historiador britânico Eric Hobsbawm se referiu a uma ampla sensação de confusão em relação ao caminho que o mundo estava tomando: ele escreveu que parecia que estávamos “rodeados por um nevoeiro global”. No final do século vinte, os cidadãos do mundo “sabiam com certeza que uma era da história tinha acabado. Eles sabiam pouco mais do que isso” (HOBSBAWM, 1995, p. 558-59). Duas décadas depois que isto foi escrito, a nova era continuou a tomar forma, mas o nevoeiro global não desapareceu.

As interpretações sobre a direção da mudança global foram alteradas freneticamente. No final dos anos 90, com um extenso crescimento econômico nos Estados Unidos e sem sérios desafios ao seu poder militar

---

<sup>58</sup> Beverly Silver é Doutora em Sociologia pela State University of New York - Binghamton e Professora do Departamento de Sociologia da Johns Hopkins University. Giovanni Arrighi (1937-2009) é Doutor em Economia pela Universidade Bocconi (Itália) e Professor do Departamento de Sociologia da Johns Hopkins University.

---

global, tornou-se comum ouvir previsões sobre um iminente “Segundo Século Americano”. Tais previsões alcançaram um ponto alto após a crise financeira do Leste Asiático, de 1997. Porém, a mesa virou. Primeiro, com a explosão da bolha do mercado de ações da Nova Economia nos Estados Unidos, em 2000 e 2001, seguida pela derrocada no Iraque e o fracasso do projeto da administração Bush para um Novo Século Americano. Com a crise financeira instalada nos Estados Unidos, em 2008, e o rápido crescimento da China, as discussões sobre o Segundo Século Americano se desvaneceram. Em lugar disso, especulações sobre um iminente Século Chinês iniciaram. Ao mesmo tempo, a especulação sobre a extinção do domínio global americano alcançou níveis que não eram vistos desde a década dos anos 70, quando a derrota dos Estados Unidos no Vietnã, os choques do petróleo e a estagnação econômica produziram uma percepção de crise profunda.

Como podemos dar sentido a essa frenética alteração de percepções sobre a era da história do mundo em que estamos entrando? Neste capítulo, argumentamos que uma comparação com períodos passados que são amplamente análogos ao presente pode ajudar a explicar a mudança de percepções e a dissipar o nevoeiro global que ainda nos rodeia<sup>59</sup>. Mas, com que período poderíamos comparar o presente? Tornou-se relativamente comum indicar semelhanças entre o início e o final do século vinte. Em ambos os períodos, o capital financeiro chegou a uma posição dominante na economia global em relação ao capital investido na produção. Nos dois períodos, além do mais, a financeirização das atividades econômicas mostrou-se desestabilizadora, culminando em grandes crises, especialmente em 1929 e 2008.

Esses dois períodos de financeirização são certamente análogos. Porém, a ascensão das finanças a um papel dominante no capitalismo mundial não aconteceu somente nos finais dos séculos dezenove e vinte. Como o historiador francês Fernand Braudel já havia mencionado, a financeirização do

---

<sup>59</sup> Neste capítulo apresentamos um resumo de alguns dos mais importantes resultados de nossas pesquisas prévias. Aqui preferimos omitir desde citações extensas até a riqueza do material teórico e histórico em que foram construídas nossas análises anteriores. Para uma versão completa dos argumentos apresentados neste capítulo (incluindo referências bibliográficas extensas) ver Arrighi (1996; 2008); Arrighi; Silver (2001a; 2001b); Silver; Arrighi (2003); Silver (2005).

---

---

capital tem sido uma característica recorrente do capitalismo histórico desde sua origem. Ao escrever na década de 1970 (isto é, antes do início da última fase de financeirização), Braudel identificou três períodos de expansão financeira sistêmica: em meados do século dezesseis (centrada nas cidades-estado italianas), em meados do século dezoito (centrada na Holanda) e no final do século dezenove (centrada no Reino Unido) (BRAUDEL, 1997). Neste capítulo, tomamos esses três casos de expansão financeira como as comparações históricas apropriadas para compreender o atual (quarto) período de expansão financeira sistêmica.

Como hoje, cada um desses períodos passados de financeirização foi precedido por um longo período de *expansão material* da economia global, ou seja, um período em que o capital fluiu predominantemente para o comércio e a produção, em vez de para a especulação e a intermediação financeira. Gênova, Holanda, Reino Unido e os Estados Unidos alcançaram sucessivamente a preeminência global assumindo a liderança numa grande *expansão material* da economia global (como foi o caso, por exemplo, da época dourada do fordismo e keynesianismo liderada pelos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 60). Em certo ponto, essas expansões materiais alcançaram seus limites (por motivos que serão discutidos mais tarde) e, quando isso aconteceu, o poder dominante da época conduziu uma transferência do investimento em comércio e produção para a intermediação e a especulação financeira em todo o sistema.

Uma fase de expansão material seguida por uma fase de expansão financeira constitui o que nós chamamos de *século longo* ou ciclo sistêmico de acumulação (CSA). Podemos identificar quatro séculos longos ou CSAs parcialmente superpostos: (1) um ciclo genovês-ibérico, que vai desde o século quinze até o início do século dezessete; (2) um ciclo holandês, que se estende desde finais do século dezesseis até finais do século dezoito; (3) um ciclo britânico, que vai desde a metade do século dezoito até o início do século vinte; e (4) um ciclo norte-americano, que vai desde finais do século dezenove até o presente. Cada ciclo é denominado de acordo com o (e definido pelo) complexo particular de agentes econômicos e governamentais que conduziram o sistema capitalista mundial na direção de expansões materiais e financeiras que juntas constituem o século longo.

---

Nos três casos discutidos por Braudel, as expansões financeiras levaram a um dramático ressurgimento do poder e da prosperidade do país capitalista líder naquele momento (ex. uma segunda época dourada para os holandeses; a *Belle Époque* Vitoriana dos britânicos). Contudo, em cada um dos casos, o ressurgimento da prosperidade e poder mundial foram de curta duração. Para Braudel, as sucessivas mudanças de capitalistas genoveses, holandeses e britânicos para longe do comércio e da indústria, e em direção às finanças, significaram para cada um deles que a expansão material tinha chegado à sua “maturidade”, era um “sinal de outono”. A financeirização mostrou-se como prelúdio de uma crise terminal da hegemonia mundial e o surgimento de um novo centro geográfico de poder militar e econômico mundial.

Será que o mesmo padrão está se repetindo atualmente? Estamos experimentando o “outono” da hegemonia mundial americana? Neste capítulo, argumentamos que a crise financeira de 2008 é um dos últimos indicadores de que isso está realmente acontecendo. Da mesma maneira que seus antecessores genoveses, holandeses e britânicos, o capital americano mudou de forma crescente para o setor financeiro e para longe do comércio e da produção, na medida em que a maior expansão material em escala mundial, criada pelo fordismo-keynesianismo, alcançou seu limite na década dos anos oitenta. Ao mudar o foco para a área financeira, os Estados Unidos foram bem-sucedidos em atrair capitais de todas as partes do mundo, financiando, assim, uma enorme expansão do mercado de ações e de suas forças armadas. A União Soviética colapsou perante tamanha pressão, enquanto os Estados Unidos experimentaram sua própria *belle époque* nos anos de Reagan-Clinton. Ao final dos anos noventa, a crise dos anos setenta parecia ser parte de uma memória distante e as previsões de um Segundo Século Americano se tornaram comuns.

Contudo, da perspectiva deste capítulo, aqueles que previram um iminente Segundo Século Americano estavam confundindo esse “outono” da hegemonia mundial americana com uma “nova primavera”. Em outras palavras, estamos testemunhando o final do *longo século vinte*, um século longo que foi desde a expansão financeira do final do século dezenove até a expansão financeira atual. Um século longo que é coextensivo ao surgimento,

---

florescimento pleno e declínio da era da história capitalista mundial centrada nos Estados Unidos. Este capítulo também aborda a questão de se o “outono” do poder militar e econômico mundial americano pode ser visto (em retrospectiva) como a “primavera” de um novo poder militar e econômico mundial, como já tinha acontecido nas três expansões financeiras prévias.

No restante deste capítulo, comparamos o período presente de financeirização com os períodos prévios, e comparamos o longo século vinte com séculos longos anteriores. Fazemos isto em três etapas principais. Na seção seguinte, identificamos as semelhanças entre os três períodos prévios de financeirização, indicando os padrões de *recorrência* ao longo do tempo. Na seção posterior, enfocamos os padrões de *evolução*. Isso porque os séculos longos não devem ser entendidos como fenômenos primariamente recorrentes (cíclicos). Em lugar disso, as expansões financeiras que marcaram o início e o fim de cada século longo foram períodos de reorganização fundamental do sistema mundial. Mostramos de que forma essas reorganizações sucessivas produziram um padrão evolucionário em que o complexo empresarial-governamental dominante aumentou através do tempo em tamanho, poder e complexidade, *incluindo a complexidade social*.

Os padrões de recorrência e evolução resumidos nas duas seções a seguir ajudam a estreitar o leque de futuros alternativos possíveis que se abrem para nós neste momento. Porém, como afirmamos na última seção do capítulo, existem boas razões para pensar que não podemos simplesmente projetar o futuro a partir dos padrões de recorrência e evolução do passado. A última parte do capítulo identifica *anomalias* significativas que poderiam fazer com que resultados futuros se desviem dos padrões passados, e conclui com uma discussão sobre “futuros possíveis”.

## Recorrência

Um tema repetido no segundo e terceiro volumes da trilogia “Civilização Material, Economia e Capitalismo” de Fernand Braudel, a qual nos leva em um extenso passeio desde o século quinze até o século dezoito, é que o ressurgimento periódico das finanças tem sido uma característica do capitalismo

---

histórico desde seus primórdios. “O capital financeiro”, escreveu Braudel, “não era criança recém-nascida nos anos 1900”. Em lugar disso, ele menciona que houve pelo menos duas ondas anteriores de expansão financeira. Foram períodos em que “o capital financeiro estava [...] em posição de assumir o controle e dominar, pelo menos por um tempo, todas as atividades no mundo dos negócios”. A primeira onda de financeirização começou por volta de 1560, quando os principais grupos da diáspora de negócios genovesa se retiraram gradualmente do comércio para especializar-se nas finanças; a segunda onda começou por volta de 1740, quando os holandeses começaram a retirar-se do comércio para tornarem-se “os banqueiros da Europa” (BRAUDEL, 1997, v. 3, p. 157; 164; 242-3; 246; 604).

Vistas desta perspectiva, as expansões financeiras que começaram nos finais dos séculos dezenove e vinte são a terceira e quarta onda de um processo sistêmico-mundial recorrente. Durante e depois da Grande Depressão de 1873-1896, quando ficou claro que “a viagem fantástica da revolução industrial” tinha criado uma superabundância de capital monetário que não poderia ser totalmente reinvestido com lucro nas atividades industriais, os ingleses se retiraram cada vez mais da indústria para se especializar nas finanças. Na época em que Braudel estava escrevendo sua trilogia, a quarta (que é a atual) onda de financeirização ainda não havia começado, mas hoje, podemos reconhecer a repetição do mesmo fenômeno: isto é, quando nas últimas décadas do século vinte ficou claro que a era dourada do fordismo-keynesianismo tinha criado uma superabundância de capital em dinheiro que não poderia ser totalmente reinvestido com lucro nas atividades industriais, o capital americano mudou o foco da produção industrial para as finanças. Em meados da década de noventa, a parte do total dos lucros corporativos dos Estados Unidos que, *em escala mundial*, correspondia a finanças, seguros e bens imóveis (FIRE, em inglês) havia superado a parte correspondente aos lucros da indústria (KRIPNER, 2005, p. 173-208).

É útil reformular as ideias de Braudel sobre o ressurgimento periódico do capital financeiro à luz da fórmula geral do capital de Karl Marx (1959), que com frequência é entendida como descrevendo a lógica das decisões de

---



investimento por parte dos capitalistas individuais<sup>60</sup>. Os capitalistas transformam seu dinheiro em bens (ex.: máquinas, trabalho) com a expectativa de obter uma quantidade maior de capital em dinheiro em algum ponto futuro no tempo. Eles não participam da produção *como um fim em si mesmo*. Se os capitalistas não acreditam que seus capitais em dinheiro aumentarão ao investir na produção ou se esta expectativa não se realiza sistematicamente, então, eles tenderão a sair da produção e mudar para formas mais flexíveis (líquidas) de investimento.

Porém, a formulação de Marx também pode ser entendida como a descrição de uma lógica sistêmica. Existem fases em que a tendência dominante entre os capitalistas é investir seu capital monetário em produção e comércio, conduzindo, assim, às diferentes fases de expansão material global. Contudo, o próprio sucesso de qualquer expansão material acaba levando a uma superacumulação de capital. Isto reduz a taxa de retorno das atividades que previamente tinham alimentado a expansão material. O aperto nos lucros resulta em uma mudança: a tendência dominante entre os capitalistas passa a ser a conservação de uma parte cada vez maior de seus capitais na forma líquida, criando as “condições de oferta” para expansões financeiras do sistema como um todo. Portanto, as expansões financeiras são sintomáticas de uma situação em que o investimento na expansão do comércio e produção já não serve ao propósito de aumentar o fluxo de caixa da classe capitalista de forma tão efetiva como as transações puramente financeiras.

Como já mencionado, as expansões financeiras passadas restauraram temporariamente o poder e as fortunas dos estados capitalistas líderes de cada época (o que foi visto mais recentemente na *belle époque* da era Reagan-Clinton). Como isto aconteceu? Em termos muito amplos, a desaceleração da expansão material associada com o início da expansão financeira provocou um aperto nas posições fiscais dos estados, que por sua vez começaram

---

<sup>60</sup> A fórmula geral do capital de Marx é  $MCM'$ , onde  $M$  é capital em dinheiro investido em  $C$  (mercadorias, incluindo trabalho, maquinaria e matéria-prima), e  $M'$  é capital em dinheiro acumulado pelo capitalista depois que os bens produzidos são vendidos. Se  $M'$  for maior do que  $M$ , então o capitalista teve lucro. Se  $M'$  for consistentemente menor do que  $M$ , então não haverá lucro, nem incentivo para que os capitalistas invistam na produção, seja como indivíduos ou como classe (MARX, 1959).

a competir mais intensamente pelo capital circulante que se acumulava nos mercados financeiros, alimentando o “lado da demanda” da equação da expansão financeira. O poder hegemônico mundial dos diferentes momentos (holandeses, britânicos e americanos), devido à sua contínua centralidade nas redes das altas finanças, está mais bem posicionado para transformar a intensificação da concorrência pelo capital circulante em vantagem para si e para ter acesso privilegiado à liquidez superabundante que se acumula nos mercados financeiros mundiais. Isto ficou claro nos anos oitenta e noventa, quando os Estados Unidos foram bem-sucedidos em atrair capital circulante do mundo inteiro, alimentando um longo *boom* no país e provocando severas crises de endividamento em outros lugares do mundo. A primeira grande crise de dívida aconteceu na América Latina no início da década de oitenta, produzindo o que as Nações Unidas apelidaram de “a década perdida do desenvolvimento”. Seguiram depois as crises do Leste Europeu e do Leste Asiático.

No passado, uma nova expansão material do sistema aconteceu apenas quando havia um poder hegemônico capaz de criar as precondições institucionais globais necessárias (financeiras, geopolíticas e sociais). Quando isto aconteceu, como nas décadas de cinquenta e sessenta, em que as instituições globais patrocinadas pelos Estados Unidos ofereciam certo grau de segurança e previsibilidade, os capitalistas rotineiramente aplicavam seus lucros de volta para continuar expandindo o comércio e a produção. Porém, tais condições institucionais globais não são criadas rápida ou facilmente. No passado, as potências em declínio perdiam suas habilidades para manter as condições institucionais globais necessárias antes que as potências ascendentes tivessem capacidade ou inclinação para assumir a função de líder. Assim, os períodos de transição de um século longo para outro foram, historicamente, períodos de crises econômicas e guerras generalizadas. Este foi claramente o caso da primeira metade do século vinte com a transição da hegemonia britânica para a hegemonia americana. Podemos ver sinais de um dilema semelhante sendo enfrentado pelo mundo hoje.

É muito interessante que Marx, em sua discussão sobre acumulação primitiva, registrou um padrão histórico em que as expansões do sistema financeiro recorrentemente desempenhavam o papel central de transferir o

---

capital excedente dos centros geográficos em declínio para os centros do comércio e produção capitalista em ascensão. Marx observou uma sequência que começou em Veneza, que “na sua decadência” emprestou grandes quantidades de dinheiro para a Holanda, então, a Holanda emprestou “enormes quantidades de dinheiro, especialmente para sua grande rival Inglaterra” quando a primeira “deixou de ser a nação preponderante no comércio e na indústria” (MARX, 1959, p. 775-6). Finalmente, a Inglaterra estava fazendo o mesmo *vis-à-vis* os Estados Unidos nos dias de Marx. Portanto, as expansões do sistema de crédito tiveram uma importância crucial no recomeço da acumulação de capital em um novo centro geográfico seguidamente ao longo da existência do capitalismo histórico ou, para usar a nossa terminologia, as expansões financeiras tiveram uma importância crucial no surgimento de cada novo ciclo sistêmico de acumulação.

Dito ainda de outra forma, as expansões financeiras foram historicamente períodos de *transição hegemônica* e no decurso delas uma nova liderança emergiu intersticialmente, e, ao longo do tempo, reorganizou o sistema, estabelecendo o cenário para uma nova expansão material em escala mundial. As expansões financeiras não têm sido somente o “outono” da hegemonia existente, elas também têm marcado a “primavera” de uma nova grande fase do desenvolvimento capitalista sob uma nova liderança<sup>61</sup>. Em outras palavras, foi o início de um novo século longo com um centro geográfico diferente. Mas devido ao fato de que este processo não foi nem simples nem tranquilo, as expansões financeiras culminaram em períodos bastante longos de caos sistêmico generalizado.

## Evolução

Na seção anterior enfocamos as semelhanças entre os séculos longos. Se fôssemos tirar conclusões baseadas somente nos padrões da recorrência, então, poderíamos concluir que agora estamos no “final do outono” em

---

<sup>61</sup> Podemos imaginar este processo como um conjunto de curvas-S sobrepostas. A sobreposição indica o fato de que um novo ciclo sistêmico de acumulação emerge ao mesmo tempo em que o regime dominante está chegando a seus limites.

relação à hegemonia mundial estadunidense e no “início da primavera” de um século longo com centro geográfico diferente (talvez no Leste Asiático). Além disso, poderíamos estar preocupados com a possibilidade de estarmos entrando (ou já termos entrado) em um período mais ou menos longo de caos sistêmico e de sofrimento humano contínuo e generalizado. Não obstante, precisamente porque o sistema global evoluiu através do tempo, estamos limitados em relação ao que podemos concluir sobre o presente ou futuro próximo se enfocarmos somente os padrões de recorrência. Nesta seção, enfocamos o padrão de evolução.

A figura 1 resume um padrão histórico de evolução que pode ser visto através do enfoque nas características cambiantes dos *containers* de poder que abrigaram as sedes das agências capitalistas líderes (isto é, o complexo capital-Estado dominante) dos quatro sucessivos séculos longos: a República de Gênova, a República Holandesa, o Reino Unido e os Estados Unidos<sup>62</sup>. Um aspecto chave do padrão evolucionário mostrado na figura 1 é a tendência no aumento do tamanho, poder e complexidade do complexo capital-Estado dominante de um século longo para outro.

Na época da expansão material centrada em Gênova, a mencionada república era uma cidade-Estado. Era pequena em tamanho, simples em organização, com uma profunda divisão social, muito indefesa militarmente e, conforme a maioria dos critérios, um estado fraco comparado com as demais grandes potências da época. A riqueza de Gênova fez dela um alvo tentador para a conquista, porém, devido à falta de um poder militar significativo, os genoveses dependiam da proteção dos monarcas ibéricos, dos quais eles “compravam” proteção. Em contraste, a República Holandesa era uma organização muito maior e mais complexa do que a República de Gênova. Na época da expansão material centrada na Holanda, ela tinha poder suficiente para ganhar a independência da Espanha imperial, para criar um império altamente lucrativo de postos comerciais no exterior e para manter sob controle as ameaças militares da Inglaterra e da França. Por isso,

---

<sup>62</sup> Para uma análise histórica detalhada dos padrões evolucionários resumidos nesta seção, ver Arrighi (1996); Arrighi; Silver (2001a).

---

diferentemente dos genoveses, os holandeses não tinham que comprar proteção de outros estados, eles “produziam” sua própria proteção. Em outras palavras, os holandeses “internalizaram” os custos de proteção que os genoveses tinham externalizado, como é mostrado na figura 1.

| Organização governamental líder | Tipo de regime/ciclo |                 | Custos internalizados |          |           |            |
|---------------------------------|----------------------|-----------------|-----------------------|----------|-----------|------------|
|                                 | Extensivo            | Intensivo       | Proteção              | Produção | Transação | Reprodução |
| Estado-Mundo                    |                      | Norte-Americano | Sim                   | Sim      | Sim       | Não        |
| ↑                               |                      | Britânico       | Sim                   | Sim      | ↑ Não     | Não        |
| Estado-Nação                    |                      | Holandês        | Sim                   | ↑ Não    | Não       | Não        |
| ↑                               |                      | Genovês         | ↑ Não                 | Não      | Não       | Não        |
| Cidade-Estado                   |                      |                 |                       |          |           |            |

**Figura 1:** Padrões evolucionários do capitalismo mundial

Na época da expansão material centrada na Grã-Bretanha, o Reino Unido era um estado nacional plenamente desenvolvido, com um império territorial e comercial de abrangência mundial que deu para sua classe capitalista e grupos dominantes um comando sem precedentes sobre os recursos naturais e humanos do mundo. Como os holandeses, a classe capitalista inglesa não precisava de ajuda das potências estrangeiras para proteger-se (isto é, ambos haviam internalizado seus custos de proteção). Contudo, como “oficina do mundo”, a Grã-Bretanha não precisava de outros para obter as manufaturas sobre as quais se assentava a lucratividade de suas atividades comerciais. Os Ingleses foram além dos holandeses ao internalizarem os custos de produção.

Finalmente, os Estados Unidos eram um complexo militar-industrial continental com poder para garantir proteção efetiva para si mesmo e seus aliados, assim como fazer sérias ameaças de estrangulação econômica ou

aniquilação militar contra seus inimigos. Esse poder, combinado com o tamanho, a insularidade e a riqueza natural do país, permitiu que sua classe capitalista internalizasse os custos de proteção e produção, como já tinha sido feito pela classe capitalista britânica. Porém, eles foram pioneiros na formação das corporações multinacionais integradas verticalmente; a classe capitalista americana também foi capaz de internalizar os “custos de transação”, ou seja, internalizar os mercados dos quais dependia a autoexpansão de seu capital.

Se fôssemos tirar conclusões baseadas nos padrões da evolução discutidos até agora, então, poderíamos prever que a organização capital-Estado que lideraria qualquer ciclo sistêmico de acumulação futuro seria necessariamente de tamanho e complexidade maiores do que os dos Estados Unidos. Não é plausível que qualquer dado país consiga preencher esses requisitos. Por exemplo, a China é muito maior, mas também muito mais pobre do que os Estados Unidos, apesar de décadas de rápido crescimento econômico. Assim, a evolução futura delineada na figura 1 é um movimento em direção a algum tipo de “Estado-mundo”.

Contudo, a clara tendência linear em relação a maior tamanho e complexidade é parcialmente moderada por outro padrão histórico, que está resumido na figura 1 como um tipo de pêndulo que vai e volta entre regimes de acumulação “intensivos” e “extensivos”. As companhias comerciais Holandesas, tal como a Companhia das Índias Orientais (VOC), eram organizações *formalmente* mais complexas que as redes familiares de negócios da diáspora capitalista genovesa. Porém, as empresas familiares nas quais floresceu a indústria têxtil britânica eram formalmente menos complexas do que as companhias comerciais holandesas. Além do mais, o sucesso do capital britânico em escala mundial dependeu da recriação, em formas novas e mais complexas, da combinação de estratégias e estruturas do capitalismo cosmopolita genovês e do territorialismo global ibérico. Do mesmo modo, as corporações multinacionais estadunidenses eram formalmente mais complexas que as empresas familiares britânicas, embora o sucesso do capital estadunidense em escala mundial tenha dependido da recriação em formas novas e mais complexas das estratégias e estruturas do capitalismo corporativo holandês.

Quais são as implicações para o presente desse movimento pendular entre regimes “extensivos” (cosmopolita-imperiais) e regimes “intensivos”

---

(corporativo-nacionais) sobrepostos a uma tendência linear de complexidade crescente? Se o padrão fosse mantido no futuro, então, poderíamos esperar que as estratégias e estruturas do complexo capital-Estado líder do próximo século longo serão “extensivas” em comparação com o regime norte-americano “intensivo”. Contudo, elas terão uma maior complexidade formal do que as que predominaram na expansão material sistêmica centrada na Inglaterra no século dezenove. Por enquanto, somente vamos mencionar que os sistemas de subcontratação em múltiplos níveis e outras formas flexíveis de produção associadas ao pós-fordismo (as quais foram, não por acaso, amplamente originadas no Leste Asiático) podem ser vistos como sinais de um movimento pendular na direção “extensiva”<sup>63</sup>. Apesar desse movimento pendular, ainda é clara a tendência linear de complexidade crescente.

Os problemas com a projeção desta tendência linear para o futuro aparecem mais claramente quando levamos em conta a atual divisão no controle dos recursos financeiros e militares globais, sendo que o primeiro está concentrado no Leste Asiático e o último está concentrado nos Estados Unidos. Esta divisão é um fenômeno sem precedentes e cujas implicações discutiremos na próxima seção.

## Anomalias

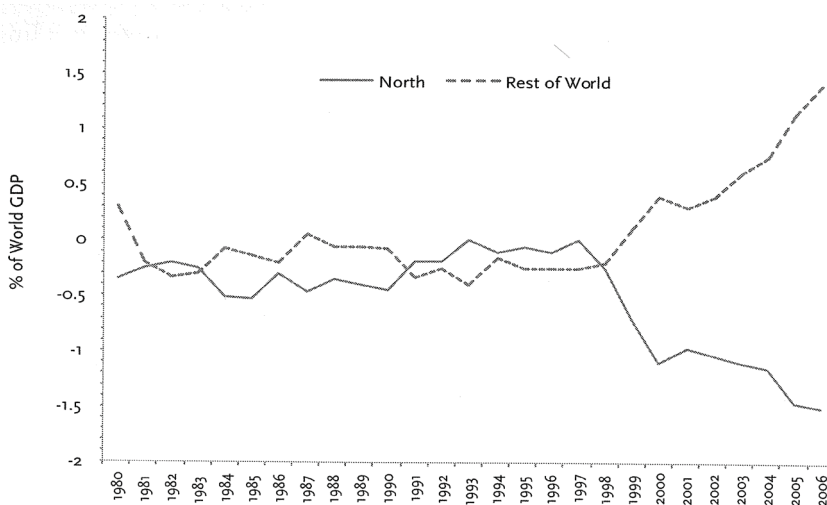
Uma importante anomalia da presente transição é a bifurcação sem precedentes na localização geográfica dos poderes financeiro e militar. As corporações multinacionais estadunidenses têm investido maciçamente na China, repetindo o padrão histórico observado por Marx em que os centros em declínio transferem capital excedente para os centros em ascensão. Contudo, em uma ruptura importante com padrões do passado, o fluxo *líquido* do capital excedente, *desde o início da expansão financeira liderada pelos Estados Unidos*, tem sido do centro econômico em ascensão para o centro econômico em declínio, mais notoriamente na forma de compras maciças de bônus

---

<sup>63</sup> Para saber mais sobre este ponto, ver Arrighi (1996); Arrighi; Silver (2001a, cap. 2 e conclusão).

do Tesouro Americano realizadas pelo Leste Asiático, primeiro pelo Japão e depois pela China. Da mesma forma que nas transições hegemônicas do passado, o *hegemon* em declínio (os Estados Unidos) se transformou de maior nação credora em maior nação devedora. Essa transformação, no caso dos Estados Unidos, aconteceu em escala e velocidade sem precedentes (ver figura 2).

Ainda assim, os recursos militares de relevância global estão concentrados esmagadoramente nas mãos dos Estados Unidos. Não há sinais críveis de que os estados em ascensão econômica, incluindo a China, tenham a intenção de desafiar diretamente o poder militar dos Estados Unidos. Porém, ainda sem um desafio direto, os Estados Unidos não mais possuem os recursos financeiros necessários para dar suporte ao seu aparato militar no mundo (e agora conseguem fazer isso somente entrando numa dívida externa cada vez mais profunda). Além disso, como ficou claro no fracasso do projeto da administração Bush para um Novo Século Americano, a projeção do poder militar não tem sido particularmente efetiva em submeter o mundo à vontade dos Estados Unidos nem no combate à escalada de crises políticas e sociais no nível do sistema.



**Figura 2:** Saldo das transações correntes no balanço de pagamentos

**Fonte:** Baseado em dados do Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook Database, 2010, <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2010/01/weodata/index.aspx>



O cenário futuro sugerido pelo padrão histórico resumido na figura 1 em relação ao aparecimento de um Estado-mundo pressupõe que o mesmo teria acesso, de certa forma, ao capital excedente global que hoje em dia se encontra localizado no Sul Global, especialmente no Leste Asiático. A recente expansão das reuniões do G7 dos países mais ricos para incluir grandes países do Sul Global (por exemplo, os encontros do G20) significa mais ou menos o reconhecimento explícito deste pré-requisito e sugere, pelo menos, um reconhecimento parcial de que o projeto de um Estado-mundo dominado pelo Norte e Ocidente do mundo (por exemplo, baseado primariamente em uma aliança entre os Estados Unidos e Europa Ocidental) já não é mais politicamente viável. Agora, o Ocidente encontra-se sem um dos dois mais importantes ingredientes de sua fortuna nos últimos 500 anos: o controle sobre o capital excedente. Esta é uma enorme anomalia em relação às transições hegemônicas prévias, sendo que todas elas aconteceram *no interior* do Ocidente e do Norte Globais.

## **A ascensão da China e os cenários alternativos futuros**

Se um Estado-mundo dominado pelo Ocidente parece pouco provável, quais são as possibilidades da China se tornar o centro de uma nova expansão material do capitalismo em escala mundial no século XXI? Primeiro, é importante eliminar considerações irrelevantes deste debate. Após a crise financeira do Leste Asiático de 1997/1998, muitos observadores consideraram a ascensão do Leste Asiático uma miragem. Hoje, é comum ouvir previsões de uma iminente crise financeira na China, a qual revelaria que as avaliações feitas sobre a ascensão do país foram exageradas. A ocorrência de uma grande crise financeira na China é uma questão em aberto. Porém, qualquer crise que venha a acontecer seria de pouca relevância para se entender se o centro de acumulação de capital em nível mundial tem sido e continuará sendo a China. Como já mencionamos na conclusão de *Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial*, historicamente, as crises financeiras mais profundas foram experimentadas nos centros emergentes de

---

acumulação de capital em escala mundial (Londres em 1772 e Nova York em 1929), pois sua força financeira superava a sua capacidade institucional para gerenciar o crescente influxo de capital. Não teria sentido argumentar que a crise de Wall Street de 1929-31 e a Grande Depressão subsequente foram sinais de que o epicentro de acumulação de capital não estava se transferindo para os Estados Unidos na primeira metade do século vinte. Igualmente, não teria sentido aplicar o mesmo argumento para as crises financeiras do final do século vinte e início do século vinte e um no Leste Asiático.

Porém, como já mencionamos, as expansões materiais sistêmicas anteriores somente deslancharam quando a potência econômica em ascensão foi capaz de se tornar hegemônica, no sentido gramsciano da palavra. Isto é, conduzir o mundo à criação de arranjos institucionais globais (financeiros, geopolíticos e sociais) capazes de prover a segurança necessária para uma expansão material ampla. Devido ao fato de que o sistema mundial evoluiu em aspectos importantes de um século longo para o seguinte, a natureza dessas instituições globais também mudou.

Atualmente, da mesma forma que no passado, as barreiras para uma nova expansão material são tanto *sociais* como econômicas. Como já argumentamos em *Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial*, as sucessivas hegemonias tiveram que achar maneiras de acomodar demandas de uma gama cada vez mais ampla e profunda de movimentos sociais. Assim, o padrão evolucionário de aumento de tamanho, escopo e complexidade, descrito anteriormente, implica, também, aumento da *complexidade social*. A consolidação da hegemonia estadunidense após a Segunda Guerra Mundial (e o início da expansão material sistêmica) não dependeu somente da preponderância dos poderes econômico e militar do país. Dependeu também da implementação de políticas formuladas para acomodar, ao menos em parte, os movimentos de liberação nacional, socialistas e trabalhistas em massa da primeira metade do século vinte. As soluções capitaneadas pelos Estados Unidos - o contrato social de consumo em massa para os trabalhadores do Norte Global, a descolonização e promessa de desenvolvimento para o Sul Global - foram apenas soluções temporárias, já que eram insustentáveis no contexto do capitalismo histórico. Isso porque implementar totalmente essas

---

---

soluções provocaria um encolhimento dos lucros devido a seus efeitos redistributivos substanciais.

De fato, a crise inicial da hegemonia estadunidense do final dos anos sessenta aos anos setenta foi em grande medida um evento político-social, desencadeado por protestos sociais ao redor do mundo, à medida que movimentos sociais do Primeiro e do Terceiro Mundos agiram para demandar o que, essencialmente, seria o cumprimento mais rápido das promessas sociais implícitas e explícitas da hegemonia estadunidense. Esta crise, que marcou o final da expansão material liderada pelos Estados Unidos, foi tanto um evento econômico quanto político-social. Mais precisamente, estes dois elementos da crise estavam entrelaçados. A expansão financeira do final do século vinte resolveu temporariamente essas crises entrelaçadas para os capitalistas e o governo dos Estados Unidos, levando o país para a *belle époque* dos anos noventa. A financeirização (a retirada maciça de capitais do comércio e da produção em direção à intermediação e à especulação financeiras) teve um efeito debilitante nos movimentos sociais ao redor do mundo, mais notavelmente através do mecanismo da crise da dívida no Sul Global e das demissões em massa no coração do movimento trabalhista no Norte Global.

Se todos os séculos longos anteriores pressupunham uma reorganização política e social fundamental do sistema global (por exemplo: o fim do comércio de escravos no Atlântico sob a hegemonia britânica e o fim do colonialismo formal sob a hegemonia americana), o que o tipo de análise realizado neste capítulo sugere sobre o modelo de reorganizações fundamentais que seriam requeridas atualmente? Primeiro, uma nova hegemonia mundial (fosse liderada por um único estado, uma coalizão de estados ou um estado-mundo) teria que acomodar e promover uma maior igualdade entre o Norte Global e o Sul Global devido ao poder financeiro deste último. Se a tendência linear de aumento da complexidade social continuar no futuro, então, essa equiparação entre Norte e Sul aconteceria, pelo menos em parte, através da incorporação de um conjunto mais profundo e amplo de movimentos sociais da base da hierarquia social (a ampla agitação social na China, nos centros urbanos e nas áreas rurais, desde o fim da década dos noventa e os esforços do governo chinês para responder a ela, podem

---

ser precursores de outro movimento em direção a uma maior complexidade social em escala mundial).

Porém, o que isto significaria mais concretamente? Esta pergunta nos remete a um terceiro ponto, destacado na figura 1, mas que ainda não discutimos. Todas as hegemonias mundiais anteriores foram baseadas na *externalização* dos custos de reprodução do trabalho e da natureza. Ou seja, a lucratividade em todas as expansões materiais passadas dependeu do tratamento da natureza como um insumo sem custo para a produção. Além disso, a lucratividade dependeu de pagar-se somente para uma pequena minoria dos trabalhadores do mundo o custo total (ou quase total) da reprodução de sua força de trabalho. Ao invés disso, uma grande parcela destes custos de reprodução foi colocada sobre as famílias e comunidades envolvidas em atividades não remuneradas (tais como a agricultura de subsistência ou o trabalho doméstico não remunerado aplicado no cuidado de crianças, doentes e idosos).

A externalização dos custos de reprodução da natureza foi levada ao extremo no longo século vinte com o modelo de produção e consumo em massa associado ao *American way of life*, o qual é altamente intensivo em uso de recursos e em desperdício. Ademais, desenvolvimento para todos - ou seja, que todos pudessem alcançar o estilo de vida dos norte-americanos - era uma promessa explícita da hegemonia dos Estados Unidos (institucionalizada, entre outras formas, através do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas). Ficou claro, pela primeira vez, que esta promessa era “falsa” durante a crise dos anos setenta, sendo os choques no preço do petróleo um indicador particularmente relevante.

Mahatma Ghandi já tinha reconhecido o problema em 1928: “O imperialismo econômico de uma única e minúscula ilha-nação (Inglaterra) está hoje mantendo o mundo acorrentado. Se uma nação inteira de 300 milhões (a população da Índia naquela época) se encaminhasse para uma exploração econômica similar, devoraria o mundo como se fossem gafanhotos” (*apud* GUHA, 2000, p. 22). O *insight* de Ghandi há mais de oitenta anos atrás permanece fundamental ainda hoje: a ascensão do Ocidente foi baseada em um modelo ecologicamente insustentável, o qual foi possível somente enquanto

---

a grande maioria da população mundial estivesse *excluída* desse mesmo caminho. Devido à mudança na distribuição geográfica do poder econômico em escala mundial discutida anteriormente, não é claro como o acesso a esse estilo de consumo poderá ser limitado somente a uma pequena percentagem do total da população mundial. Porém, qualquer tentativa séria de generalizar o estilo de vida estadunidense só pode conduzir a conflitos ecológicos, políticos e sociais que mais provavelmente formarão a base para um longo período de caos sistêmico do que para uma nova expansão material.

O modelo de acumulação que dirigiu a expansão material do longo século vinte não pode prover a base para uma nova expansão material no século vinte e um. Qualquer nova expansão material em escala mundial pressupõe um modelo ecológico, geopolítico e social diferente não somente daquele do longo século vinte, mas também daqueles dos séculos longos anteriores. Isto pressupõe um caminho alternativo ao uso intensivo de recursos que caracteriza o modelo ocidental de desenvolvimento capitalista: um modelo que absorva mais trabalhadores, que desperdice menos recursos, e que *não* esteja baseado na *exclusão* da vasta maioria da população mundial de seus benefícios<sup>64</sup>.

Chegamos ao final do longo século vinte. Permanece em aberto a pergunta se vamos considerar razoável nos referirmos à conjuntura que finalmente aparecerá como outro “século longo” do capitalismo histórico ou se vamos perceber, em retrospectiva, que também chegamos ao final do capitalismo histórico. Enquanto isso, um longo e profundo período de caos sistêmico (análogo, *mas não idêntico*, ao caos sistêmico da primeira metade do século vinte) permanece como uma possibilidade histórica real. Embora o fim do longo século vinte seja inevitável, não há nada de inevitável em ele terminar catastróficamente. Evitar esta última possibilidade é a nossa urgente tarefa coletiva.

---

<sup>64</sup> Para conhecer razões para pensar que a China pode ter capacidade de aproveitar o legado da era comunista e a herança da “revolução industrial” da época imperial para formar um novo modelo híbrido, que constitua um caminho alternativo possível, ver Arrighi (2008).

---

## Referências

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX: Dinheiro, Poder e as Origens do Nosso Tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto; UNESP, 1996.

\_\_\_\_\_. **Adam Smith em Pequim**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly. **Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial**. Rio de Janeiro: Contraponto e UFRJ, 2001a.

\_\_\_\_\_. “Capitalism and World (Dis)Order,” **Review of International Studies**, n. 27, 2001b.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo. Séculos XV-XVIII** (3 Vol.) São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Forças do Trabalho: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870**. São Paulo: Boitempo, 2005.

GUHA, Ramachandra. **Environmentalism: A Global History**. New York: Longman, 2000. p. 22.

HOBSBAWM, Eric. **The Age of Extremes: A History of the World 1914-1991**. New York: Pantheon, 1995. p. 558-59.

KRIPNER, Greta R. “The Financialization of the American Economy” **Socio-Economic Review**, n. 3, p. 173-208, 2005.

MARX, Karl. **Capital**. V. 1;1867; repr. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1959.

SILVER, Beverly; ARRIGHI, Giovanni. “Polanyi’s ‘Double Movement’: The Belle Époques of British and U.S. Hegemony Compared,” **Politics and Society**, v. 31, n. 2, p. 325-55, 2003.